

"A Rosa Doente" dos tempos modernos

"The Sick Rose" in modern times

Thaís Flores Nogueira Diniz

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo: O poema de William Blake "The Sick Rose" é analisado levando-se em conta não apenas os elementos intrínsecos ao poema, a ilustração que o acompanha e as características do Romantismo, mas também elementos externos que ampliam seu significado, inserindo-o em um contexto mais amplo, que insinua que ele seja lido como uma afirmação sobre o estado corrupto da Inglaterra.

Palavras-chave: "The Sick Rose". William Blake. David Burrows. Intermedialidade. Instalação.

Abstract: William Blake's "The Sick Rose" is analysed taking into consideration not only its intrinsic elements, the illustration that accompanies it, and the Romantic characteristics but also external elements that amplify its significance, by inserting it into a broader context that suggests it should be read as an affirmation of the corrupt state of England.

Keywords: "The Sick Rose". William Blake. David Burrow. Intermediality. Installation.

William Blake (1757-1827) foi o terceiro filho de um negociante, londrino, de artigos para homens. Apesar de nunca ter ido à escola, tornou-se estudante da Royal Academy of Arts por ter aprendido o ofício de gravador. Com seu talento verbal e visual, Blake começou a combinar palavras e imagens em uma nova forma: a impressão de iluminuras. Casou-se com Catherine Boucher, que muito o auxiliou em seu ofício, não apenas na produção dos desenhos, mas também colorindo e imprimindo seus livros com iluminuras, além de cuidar das finanças domésticas.

Seu primeiro livro, *Poetical Sketches*, uma obra sofisticada cujos poemas refletiam os interesses literários do fim do século XVIII, já mostrava sua insatisfação com a tradição poética e sua incessante busca por novas formas e novas técnicas. A partir dessa obra, Blake passou a ser, ao mesmo tempo, autor, desenhista, tipógrafo e editor de seus próprios livros. O primeiro deles, impresso e iluminado pelo próprio Blake dentro da nova

técnica, foi *Songs of Innocence* (1789) [Canções de inocência]. Era composto de poemas curtos semelhantes a rimas infantis e tratava de temas sobre crianças (inocentes). Em 1794, não satisfeito em escrever apenas para crianças e sem ilustrações, Blake publicou outro livro para acompanhar o primeiro, *Songs of Experience* [Canções da Experiência], do qual “The Sick Rose” faz parte. Os poemas do primeiro são mais inocentes, infantis, enquanto o segundo livro explora temas mais sinistros, associados à revolução industrial, à religião e à educação. “The Sick Rose”, por exemplo, não trata apenas de uma rosa que perde sua cor, mas de um verme (às vezes associado ao diabo) que estupra a rosa, e a destrói com seu amor escuro e secreto. Os dois livros, associados, formaram um volume duplo, uma coleção ilustrada intitulada *Shewing the Two Contrary States of the Human Soul* [Exibindo os dois estados contrários da alma humana].

Embora o poeta tenha pensado em opostos, não há como associar totalmente inocência a bondade e experiência a maldade. Os poemas de *Songs of Innocence* parecem inocentes, mas frequentemente tornam-se sombrios e complicados quando examinados cuidadosamente. Muitas vezes, o poeta trocou-os de um livro para o outro, o que sugere que sua visão é muito mais complicada do que o que apenas a relação entre palavras “contrárias” implicaria. Esses dois estados – inocência e experiência – são definições de consciência que repensam os estados míticos de paraíso e de queda. Para Blake, são modos de percepção coordenados com algo que se tornaria norma no Romantismo: a infância como estado de inocência, porém não imune à decadência do mundo e de suas instituições. Para Blake, esse mundo pode violar a própria infância, mas torna-se conhecido através da experiência, estado marcado pela perda da vitalidade infantil, pelo medo, pela inibição, pela corrupção social e política e pela complexa opressão da igreja, do estado e das classes dominantes. A simplicidade dos poemas exhibe a sensibilidade aguda de Blake às realidades da pobreza e da exploração que acompanhavam a revolução industrial. Às vezes, o contraste inocência versus experiência transparece abertamente; em outras, é implícito. As oposições e disjunções dos dois estados contrários aparecem em figuras confrontantes como a ovelha e o tigre em vários pares de poemas, nos quais o poeta alcançou a maturidade de sua técnica, que consistia em comprimir metáforas e símbolos que explodem numa multiplicidade de referências.

O jogo entre inocência e experiência é ainda o tema de duas obras mais longas, *The Book of Thel* e *Visions of the Daughter of Albion* [O livro de Thel e Visões da Filha de Albion], relacionadas, pelo menos em certo nível,

à descida da alma ao inferno e suas vicissitudes. Esse jogo é ainda tema do livro *The Marriage of Heaven and Hell* [A união entre o céu e o inferno]. Os dois últimos, *Visions* e *Marriage*, encontram-se entre as obras produzidas no outono de 1790, enquanto o poeta vivia em Lambeth, um distrito de Londres. Outros, denominados *Lambeth Books*, compõem o que chamamos de “a Bíblia do Inferno”. São *America*, *Europe*, *A Prophecy*, *The Book of Urizen*, *The Book of Ahania* e *The Song of Los*. Na época em que escreveu esses livros, Blake já não mais produzia as iluminuras, tendo abandonado a dualidade implícita de seu mito de criação anterior e passado a escrever versos proféticos. Foi quando surgiram os poemas *Milton* e *Jerusalem*, “alegorias dirigidas aos poderes intelectuais” cuja leitura exigia muito dos leitores, mas oferecia grandes recompensas!” (PALEY, p. 340).

Songs of Innocence é composto por dezenove poemas gravados artisticamente. Já *Songs of Experience* contém vinte e seis poemas, entre os quais “The Sick Rose” [A rosa doente], a trigésima nona placa, cuja primeira linha se constitui de uma exortação à rosa: O Rose thou art sick [Ó Rosa, tu estás doente].

O rose, thou art sick!
The invisible worm
That flies in the night,
In the howling storm,
Has found out thy bed
Of crimson joy,
And his dark secret love
Does thy life destroy.

O poema, expresso de forma concisa, é considerado um dos triunfos do pensamento: dirige-se a uma rosa, que a voz lírica alega estar doente por ter um verme invisível descoberto seu leito de “alegria rubra” [of crimson joy]. A rosa simboliza o amor terreno, em oposição ao espiritual, que se torna também doente quando infectado pelo materialismo do mundo. Mas o leito de alegria rubra pode conotar também uma imagem sexual, com o verme fálico simbolizando tanto a luxúria quanto o ciúme. É o “amor sombrio e secreto” [his dark secret Love] que destrói a vida da flor, sugerindo algo pecaminoso e inominável.

À primeira leitura, o poema parece bastante simples. Mas essa aparente simplicidade nos engana, pois muitas de suas palavras têm duplo sentido ou são ambíguas. A que se refere, por exem-

“A Rosa Doente”
dos tempos
modernos

73

plo, a “bed of crimson joy”? Ao leito, à cama, ao canteiro de flores ou a pétalas da rosa? O que torna o amor “sombrio” e “secreto”? E por que a rosa está doente? Essas ambiguidades, que são parte importante da “construção” do poema, vão ao cerne das questões que ele quer explorar. A rosa doente, por exemplo, tem muito a ver com as consequências potencialmente destrutivas do amor secreto e sombrio. Se a rosa é símbolo de amor e paixão e está doente, talvez o poema nos fale que nossas ideias sobre amor e paixão também estejam doentes, infectadas.

No primeiro verso, “O Rose, thou art sick!”, o eu lírico alerta a rosa para o fato de que ela está doente. O ponto de exclamação deixa evidente a lamentação e o alerta do orador em relação à doença da rosa. Já no segundo verso, surge o outro “personagem”, “the invisible worm” [o verme invisível]. A ideia de que foi o verme que corrompeu a rosa, deixando-a doente, é intensificada em seguida. Sua invisibilidade explica o desconhecimento da flor em relação à própria doença, imperceptível, que destruirá sua vida.

O terceiro e o quarto versos da primeira estrofe “That flies in the night”/ “In the howling storm” [que voa na noite/ na enorme tempestade] produzem uma imagem assustadora, simbolizando o perigo e a promiscuidade da noite. Os versos seguintes, “Has found out thy bed”/ “Of crimson joy” [descobriu seu leito/ de alegria carmesim] remetem à ideia de que o verme se alojara na rosa e lhe é prejudicial. Deduz-se, então, que a rosa não reagiu ao verme, agora alojado em seu corpo.

A expressão “Of crimson joy” denota prazer, alegria, sentimentos opostos aos do eu lírico, que lamenta a doença até então desconhecida pela rosa. Os últimos versos “And his dark secret love”/ “Does thy life destroy” [e seu amor sombrio e secreto/destrói sua vida] parecem confirmar que existe o “amor”, porém acompanhado de adjetivos negativos – “dark secret” – tornando o sentimento obscuro, proibido e ameaçador. Entende-se aqui que o sentimento prazeroso da rosa, que a conduzirá à morte, é um engano. Em sua inocência, ela talvez nem perceba as consequências que o “amor” promíscuo, obscuro e sombrio pode trazer. As sutilezas de alguns elementos presentes no poema podem levar a essa interpretação: a rosa está doente, o “amor” do verme está destruindo sua vida e há prazer em seu leito. Mas o verme é invisível, e o agente causador de sua destruição, além de ligar-se à noite e à tempestade.

Existe um antagonismo entre os dois elementos principais do poema: rosa e verme. A rosa, objeto natural de grande beleza, símbolo do amor – que significa também a inocência, a pureza, a vida, a mulher e até mesmo a feminilidade – foi infectada por um verme, que nos remete a uma imagem negativa, repugnante e agressiva. Sua imagem, que nos lembra da serpente bíblica e também do falo, simboliza morte e decadência. O leito onde ele se aloja pode ser o canteiro do jardim, mas também o leito dos amantes. A rosa está doente e fica implícito que o amor também está, embora ela não esteja consciente de sua doença. Como não tem conhecimento de seu estado, a ênfase recai na sugestão alegórica de que o amor não reconhece seu estado de enfermidade devido ao fato de que o verme faz seu trabalho de corrupção em segredo, segredo que faz parte da própria infecção. Além disso, é invisível e penetra no leito à noite. A alegria carmim da rosa pode denotar tanto o prazer sexual quanto a vergonha, conceitos que se unem de modo a significar que a atitude de alegria da rosa é manchada pela aura da vergonha e do segredo que nossa cultura associa ao amor.

Como a maioria dos poemas do livro *Songs of Experience*, “The Sick Rose” é estruturado de forma compacta em duas estrofes, com rimas alternadas que se desviam do modelo de rima inocente [ABAB CDCD], e segue o modelo ABCB DEFE que introduz uma nota de discórdia, de acordo com os efeitos prejudiciais do “secret love” que a rosa esconde. “Worm” [verme] rima com “storm” [tempestade], conectando o agente da destruição à força da natureza. Do mesmo modo, “joy” [prazer] rima com “destroy” [extermínio], ligando o que deveria ser uma experiência positiva ao “fenecimento da rosa” (FERREIRA, s/d.).

A página deste poema (fig. 1), composta depois de 1789, tem a borda iluminada com ilustrações típicas do poeta. Como o artista concebeu seu poema juntamente com a imagem, não podemos considerar a obra como uma transposição intersemiótica, pois o desenho não traduz o poema e sim o interpreta. A página pode, portanto, ser definida como um texto intermediário, uma vez que o texto verbal não pode ser separado do texto pictórico sem perder sua essência. A pintura corrobora a interpretação de um ciclo. No desenho, podem-se ver três botões de rosa. Dentro do primeiro, ainda fechado, emerge a figura de uma mulher com os braços estendidos, talvez em atitude de súplica. O segundo botão, já murcho, confunde-se com a imagem de uma mulher de joelhos, em atitude de dor ou de arrependimento. O terceiro botão, já



Fig. 1 - William Blake. "The Sick Rose". Impressão colorida à mão, 1826, cuja cópia se encontra no Fitzwilliam Museum, em Cambridge.

Mas Rosa é também nome próprio feminino, e é provável que a voz poética esteja se dirigindo a uma mulher para alertá-la de que há algo prejudicial a sua vida, de que há uma enfermidade imperceptível que a levará à morte, seja física ou espiritual. Pode-se ler o poema num sentido abstrato, mais espiritual, em que o verme simboliza algo maléfico à vida, assim como o pecado, que ameaça a inocência, ou o mal que compromete a beleza. Segundo a concepção judaico-cristã do poeta, o poema pode ser lido também no sentido menos abstrato: refere-se à mulher (virgem) que se envolve em uma relação amorosa, "secreta e noturna", pecaminosa com o visitante noturno, um verme moral que, associado ao mal, deitou-se em seu leito, leito que se liga não só ao prazer, mas também ao vermelho do sangue do desvirginamento.

As considerações feitas até o momento referem-se aos elementos intrínsecos ao poema e à ilustração que o acompanha. Para Northrop Frye, não existe nenhuma análise historicamente orientada, pois, para ele, "The Sick Rose" fala por si, mostrando-se como uma afirmação perfeita da autonomia da imaginação. Alguns críti-

cos, como vimos, tentam estabelecer algum diálogo com a história ao ler o poema como uma parábola dos efeitos perniciosos da repressão sexual, ou como uma discussão radical que celebra a energia sexual contra a doutrina cristã ortodoxa repressiva.

Em sua análise, entretanto, Jon Mee amplia esse contexto ao sugerir um tema específico, insinuando que “The Sick Rose” seja também um sinal dos tempos, uma afirmação sobre o estado corrupto da nação. Essa ampliação permite ler o poema não apenas em termos dos procedimentos metafóricos do Romantismo, mas também como uma reação à situação cultural específica de Blake: uma voz marginal na Londres de 1790 que associava a rosa com a “Englishness”, pois a “rosa da Inglaterra”, ou rosa dos Tudors, nome derivado dessa dinastia, foi adotado, desde a Guerra das Rosas, como um emblema nacional. É um símbolo sincrético com o qual o imaginário nacional se identifica, e no qual se misturam a rosa branca (da casa de York), e a vermelha (da casa de Lancaster).

Blake raramente usa a figura da rosa em seus poemas, mas em três deles [“The Sick Rose”, “My Pretty Rose-tree”, e “The Lilly“], e especificamente no primeiro, a rosa tem uma função negativa: mostra-se arruinada e corrupta, no limiar de uma transformação apocalíptica. Para ler “The Sick Rose” como um texto que dá suporte à “ressonância histórica”, foi necessário que Jon Mee remetesse a dois poemas satíricos escritos para um jornal radical da época, o *The Argus*, quando o *Songs of Experience* estava sendo composto. Os poemas — “The London Rose” e “The Hot-House Rose” — destinavam-se a criticar o jornalista George Rose, um dos secretários do Tesouro que, por volta de 1790, foi acusado de “subsidiar jornais, empregar escritores, distribuir panfletos e comprar votos, tudo com dinheiro do tesouro” (MEE, 1998). A rosa dos poemas do *The Argus* está podre por causa da corrupção. Na análise de Mee, a associação rosa/ nação tem a ver com o episódio de Rose. Se Londres era a Babilônia para Blake, a (R)osa [numa alusão a George Rose] seria o primeiro signo da corrupção dos tempos da política. O envolvimento do jornalista na manipulação eleitoral era visto como um câncer que minava a tradição de liberdade inglesa. O crime da “Rose” [George Rose] não seria uma contravenção individual, mas a emblemática de uma corrupção muito maior, um veneno invisível que abria caminho em direção ao corpo (político). Nos escritos do panfleto denominado *Corruption Exposed*, que se refere ao episódio de George

Rose, as palavras “secret influence” [influência secreta] e “invisible corruption” [corrupção invisível] nos remetem ao “invisible worm” e ao “dark secret love” do poema de Blake.

Presume-se que a linguagem que envolveu a controvérsia sobre o jornalista deva ter chamado a atenção de Blake, embora os paralelos com a linguagem do poema sejam ainda mais extraordinários na última página do referido panfleto onde o autor se refere ao fato de que o governo enviou “agentes do tesouro, com veneno nos bolsos, para destruir cada fásca de liberdade que pudessem encontrar e fazer voar pelos ares os botões entreabertos da integridade”¹.

“The Sick Rose” participa, então, do discurso republicano sobre corrupção política e outros tipos de corrupção e enfatiza a natureza continuada do perigo. A mulher que escapa da rosa no desenho de Blake pode ser identificada com a figura da “liberdade” que abandona a “rosa da Inglaterra”. O poema configura-se assim como uma visão total e profunda da corrupção da sociedade contemporânea.

Duzentos e cinquenta anos após o nascimento de William Blake, sua obra continua a ter grande repercussão. Em 2005, no Museum of Garden History, em Lambeth, distrito de Londres onde o artista residiu por 10 anos, criou-se uma exposição intitulada *Cloud & Vision* para a qual quatro escritores e oito artistas plásticos interessados em Blake foram convidados a contribuir. A finalidade da mostra era reinterpretar a visão do artista para a audiência contemporânea, ilustrando assim sua contínua relevância. Todos eles criaram obras únicas que exploravam os anos de Blake em Lambeth. Alguns tinham em mente imagens ou textos específicos; outros examinaram temas e questões que circundaram a vida e a obra de Blake. O objetivo da exposição era apresentar – por meio da lente de diferentes artistas, cada um com sua própria ideia da relevância de Blake para a cultura contemporânea – uma mostra da fascinação do artista pela oposição e pelo dualismo. Segundo uma das curadoras, Daniella Arnaud, o objetivo foi “apresentar essas diferentes vozes numa celebração harmoniosa da Oposição” (ARNAUD, s/d.)².

Entre as várias obras, chama a atenção a instalação de David Burrows intitulada *The Sick Rose* (Fig. 2).

1. Tradução minha do original: “Treasury Agents, with poison in their purses, to destroy every spark of freedom they may meet, and to blast the opening blossoms of integrity” (p. 30).

2. Minha tradução do original: “to present a taste of Blake’s fascination with opposition and dualism through the lenses of very different practitioners” (p. 2).



“A Rosa Doente”
dos tempos
modernos

79

Fig. 2- David Burrow, *The Sick Rose*, 2005, polyethylene foam

Como nas outras obras da exposição, a questão da transformação é central, mas esta instalação pode ser vista como a única que teria as características de uma obra [de autoria de Blake] contemporânea.

Do centro das várias rosas de feltro entrelaçadas emergem fios finos de tecido, como se as flores estivessem vomitando. As rosas são artificiais, manufaturadas, sinalizando uma cultura que patrocina a exploração da beleza, e o abuso das substâncias sintéticas. Nas mãos do artista, o poema se torna uma crítica ao capital global contemporâneo e a seu efeito em todos os aspectos da vida. A doença da rosa transforma-se em uma doença autoimune. Ela está enferma da mesma maneira que todos nós estamos. Por causa da superficialidade das conquistas da nossa civilização, e do evidente triunfo do moderno estado capitalista, tornamo-nos isolados com nossos I-pads e laptops e, com medo de possíveis armas biológicas, químicas ou nucleares, construímos fortalezas. O plástico e o feltro substituem a matéria viva e o perfume da rosa natural, significando que o material seja o único interesse de nossa sociedade.

A instalação pode não ser uma representação visual direta do poema, o que a caracterizaria como uma transposição midiática. Mas traz em si alguns elementos que podem ser encontrados na obra de Blake, principalmente a ideia de há algo maléfico que precisa ser expulso, extirpado mesmo, representado pelos fios que emergem da flor. O

mais importante, entretanto, é demonstrar quão adaptáveis as obras de Blake o são: Burrows traz Blake para a contemporaneidade, ao moldar sua obra e dotá-la de nova vida.

A visão de William Blake, artista radical em sua denúncia contra a pobreza, o trabalho infantil e a corrupção política, pode ser reinterpretada na contemporaneidade, como foi feito por meio da exposição de 2005. Porém a releitura de sua obra hoje, no Brasil, como a que está sendo feita por este volume dedicado à obra de Blake, tem um caráter ainda mais atual frente aos acontecimentos políticos presenciados pelos brasileiros nestes últimos tempos em que a corrupção toma conta dos noticiários. Resta-nos, infelizmente, associar a rosa doente não apenas a um membro, mas à maioria do nosso parlamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAUD, Danielle e Phillip Norman. *The Harmony of Opposition. Cloud & Vision*. Published by **Parabola**, 2005. Disponível em: <www.parabolatrust.org>. Acesso em: 27/04/2016.

BLAKE, William. **The Sick Rose**. 1826, Impressão colorida à mão, cuja cópia se encontra no *Fitzwilliam Museum*, em Cambridge. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/The_Sick_Rose#/media/File:Songs_of_innocence_and_of_experience,_page_39,_The_Sick_Rose_\(Fitzwilliam_copy\).png](http://en.wikipedia.org/wiki/The_Sick_Rose#/media/File:Songs_of_innocence_and_of_experience,_page_39,_The_Sick_Rose_(Fitzwilliam_copy).png)>. Acesso em 27/04/2016.

BURROWS, David. **The Sick Rose**. Disponível em: <http://www.parabolatrust.org/exhibitions/cloudvision-installation.html>

FERREIRA, Marcela da Fonseca. **Análise de tradução de poesia: um estudo de caso de “The Sick Rose”**, de William Blake. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fclaretianorc.com.br%2Fdownload%3Fcaminho%3Dupload%2Fcms%2Frevista%2Fsumarios%2F175.pdf%26arquivo%3Dsumario10.pdf&ei=UOQIVeuAJMKWNuargJAP&usq=AFQjCNEKPPHVf8vFo45s7I8gn46YzfaTA&bvm=bv.88198703,d.eXY>>. Acesso em 27/04/2016.

MEE, Jon. The “insidious poison of secret influence“: A New Historical Context for Blake’s “The Sick Rose”. **Eighteenth-Century Life**, v. 22, n. 1, p. 111-122, February 1998.

PALEY, Morton. Blake. In: Woodring, Carl (ed.). **The Columbia History of English Poetry**. New York: Columbia University Press, 1994.

Recebido em 02 de outubro de 2015

Aceito em 10 de novembro de 2015

*“A Rosa Doente”
dos tempos
modernos*

81

